ANTI CAPITALISTA

N.º 10 (SÉRIE II) – OUTUBRO 2018

LUTA PELA HABITAÇÃO P.03

GREVE FEMINISTA P.07

NICARÁGUA: ORTEGA DEIXOU DE SER DE ESQUERDA HÁ MUITO TEMPO PP.04-05

QUEM DISSE QUE A LUTA SOCIAL ADORMECEU?

EDITORIAL

QUEM DISSE QUE A LUTA SOCIAL ADORMECEU?

O argumento foi repetido à exaustão: sim, conseguimos um aumento do salário mínimo e das pensões mais baixas, além de algumas outras conquistas, mas o preço foi a geringonça destroçar a combatividade social, criar ilusões e fazer adormecer a luta de classes. Se durante os dois primeiros anos essa voz era pouco insistente, no último ano, mesmo que por razões conjunturais ou internas, foi sendo repetida dentro do Bloco e em alguns outros setores da esquerda. No início, compreende-se, o acordo era generalizado e ninguém criticou, menos ainda votou contra a decisão do Bloco de estabelecer um acordo parlamentar com o governo minoritário do PS. Depois, aproximando-se a Convenção e o fim do mandato parlamentar, esse passado começou a ser reescrito. Compreendemos a atitude, mas interessa-nos mais discutir a substância: a luta social foi ou não foi adormecida pelo contexto político desde 2015?

A nossa resposta é que não foi. Os factos são aliás conclusivos: em particular este último ano tem sido um período de mobilizações sociais e de ação política e debate intenso. Mais, acrescentamos que algumas dessas lutas ganharam corpo precisamente porque vários setores sociais se aperceberam da vulnerabilidade do governo, dada a relação de forças política, e encontraram nessa relação de forças um estímulo e um motivo para a sua ação.

Primeira razão e primeiro facto. Em 2015 estávamos a viver um período de retrocesso acentuado da luta popular. As grandes manifestações (março de 2011, antes das eleições, e depois 15 outubro e os duas Que se Lixe a Troika) tinham alcançado um nível de expressão de descontentamento popular nunca visto nas últimas décadas – mas não tinham tido continuidade. Os sindicatos não conseguiam ou não queriam convocar greves, as mobilizações políticas estavam enfraquecidas em finais de 2014 e em 2015. A direita chegou às eleições sem uma forte contestação social. Depois, nos dois primeiros anos do governo Costa, a expectativa era muito elevada e a mobilização social foi reduzida. Ela cresceu em 2017 e 2018.

Percebe-se porquê e temos o segundo facto. Para setores de trabalhadores que nunca se tinham mobilizado, ou por receio, dada a sua situação precária, ou por falta de organização, a possibilidade imediata de mudarem o seu estatuto legal criou nova capacidade de luta. Veja-se o caso dos formadores profissionais do IEFP ou das trabalhadoras do CHO, que aproveitaram a porta aberta com o processo de regularização de precários para se lançarem à luta. Isso nunca tinha acontecido, mas perceberam que podiam fazer agora a diferença.

A luta das professoras e professores é outro exemplo. Com o governo anterior, nunca a questão da reposição do tempo de serviço foi colocada. Agora tornou-se um tema de confronto, porque quem ensina sabe que pode mudar a relação de forças, mesmo que seja difícil. O mesmo se dirá das greves das enfermeiras para conseguirem o reconhecimento da qualificação, o que nunca tinha sido tema essencial de mobilização em anos recentes. O equilíbrio parlamentar e algumas conquistas serviram em todos estes casos como estímulo para a mobilização.

Essa é a razão pela qual temos mais dias de greves, mas sobretudo mais setores mobilizados em 2018, incluindo setores populares (luta pela habitação) e causas pelos direitos sociais (jornadas feministas contra a violência protegida pelos tribunais). A luta de classes não adormeceu e está mesmo mais acordada.

Esta é uma publicação da **Rede Anticapitalista**, onde se juntam militantes do **Bloco de Esquerda** empenhadxs nas lutas sociais e no ativismo de base.

ÍNDICE

2 **Editorial**
Quem disse que a luta social adormeceu?

3 **Ativismo**
A luta pela habitação

4-5 **Internacional**
Nicarágua: Ortega deixou de ser de esquerda há muito tempo

6 **Escola Pública**
Manuais escolares, um passo para a escola pública gratuita

7 **Ativismo**
Greve feminista

8 **Acontece**
Frida Kahlo - As Suas Fotografias
Robert Mapplethorpe: Pictures

8 **Leituras**
Pão de Açúcar
Caderno das Guerras Coloniais
O Capital *de Karl Marx 150 anos depois*

8 **Escutas**
Songs of Resitance 1942-2018

Ficha Técnica

Conselho Editorial
Ana Bárbara Pedrosa
Andrea Peniche
Hugo Monteiro
Mafalda Escada
Rodrigo Rivera
Tatiana Moutinho

Participaram nesta edição
Adriana Lopera
Ana Bárbara Pedrosa
Andrea Peniche
Fábio Salgado
Francisco Louçã
Luís Leiria
Mafalda Escada
Ricardo Moreira
Rita Gorgulho
Rodrigo Rivera

Depósito Legal
441931/18

Contactos
email **redeanticapitalista@gmail.com**
facebook.com/**redeanticapitalista**
web **www.redeanticapitalista.net**

A LUTA PELA HABITAÇÃO

FÁBIO SALGADO

As desocupações, os despejos e as não-renovações de contratos estão a destruir o tecido social das principais cidades do país. A gentrificação turística, desenvolvida pelo capital e pela massificação do turismo e promovida pelo Estado, esvazia os nossos bairros. Hoje, mais de 30% das casas em Alfama, por exemplo, servem alojamento turístico. Não é natural, é propósito das políticas de liberalização do mercado de arrendamento e de atração de investimento.

A resposta popular começou por ser tímida. As famílias que são expulsas das suas casas – por via da não renovação dos contratos de arrendamento ou do aumento da renda para valores impagáveis –, sabendo que a lei está contra elas, têm acrescida dificuldade em tornar público o seu desespero. Percebemos que até nas redes de vizinhança se torna difícil criar dinâmicas de resistência. Ainda assim, durante o último ano tivemos alguns focos de conflito que se revelaram essenciais à construção da manifestação do passado dia 22 de setembro. Vimos o caso da Iberaquisições, que não conseguiu expulsar 16 famílias de um prédio na Mouraria – a empresa renovou os contratos após vários protestos públicos e intervenções das moradoras na Câmara e Assembleia municipais de Lisboa. As moradoras organizaram sardinhadas, participaram em todo o tipo de iniciativas e encheram o seu prédio de faixas. Nós acompanhámos, apoiámos e assim devemos continuar a fazer.

Tivemos também o caso do senhor António, a quem a Trilhos de Charme não renovou o contrato e que, face à resistência deste morador de Alfama, respondeu com várias formas de assédio moral e com a destruição de partes da sua habitação. Interveio na Câmara e Assembleia municipais, conseguindo que a vereadora da habitação acabasse por garantir a abertura de um concurso extraordinário para atribuição de habitação pública. O senhor António está já na sua nova casa, demonstrando que é possível encontrar soluções na esfera do município e confirmando a necessidade de libertar os tetos de endividamento das Câmaras no âmbito da habitação.

O prédio Santos Lima é um caso ainda por resolver. Ali, no centro do Poço do Bispo, vivem 16 famílias, cerca de 40 pessoas, algumas inquilinas há mais de 70 anos ou há várias gerações, que são vítimas de assédio pelo novo senhorio, Buy2sale, que quer vender o edifício vazio.

NUM MOMENTO EM QUE O MOVIMENTO SOCIAL NESTA ÁREA COMEÇA A ALARGAR A SUA BASE COM PESSOAS VINDAS DE DIVERSAS FILIAÇÕES IDEOLÓGICAS, ESTES FOCOS DE CONFLITO REVELAM-SE PONTES IMPORTANTES ENTRE ATIVISTAS, QUE REFORÇAM AS SUAS RELAÇÕES DE CONFIANÇA.

Foi, assim, possível chegar a um consenso sobre a necessidade de uma manifestação nacional com convocatória conjunta de diversas organizações (Rock in Riot, Morar em Lisboa, Habita, Stop Despejos, Coração Alfacinha, etc.). Esta manifestação juntou milhares de pessoas contra a especulação imobiliária, contra os vistos gold e pelo direito a uma habitação digna. O modelo open-mic da frente da manifestação permitiu ouvir relatos de carências habitacionais diversas: umas famílias têm problemas com o senhorio (fundos de investimento, muitas vezes); outras têm problemas com a Gebalis (empresa municipal) ou com as câmaras de Loures, Beja ou Amadora; outras vivem em casas ocupadas; outras em tendas; outras na rua.

É preciso comunicar as pequenas vitórias, para demonstrar que há formas de combater a precariedade na habitação, seja no arrendamento privado, seja na oferta pública.

MAS TAMBÉM É NECESSÁRIO ALARGAR ESTE CONSENSO, RADICALIZANDO O DISCURSO. O DIREITO À HABITAÇÃO TEM DE SER UMA PRIORIDADE. SE O DIREITO À HABITAÇÃO ENTRAR EM CONFLITO COM O DIREITO À PROPRIEDADE PRIVADA, É O PRIMEIRO QUE TEM DE PREVALECER.

O Bloco de Esquerda deve continuar a acompanhar e apoiar as famílias em luta, denunciar os casos de abusos em todos os órgãos em que tem representação política e aprofundar as suas propostas de combate à especulação imobiliária e à gentrificação turística, bem como as de proteção dos direitos das famílias no arrendamento, com o objetivo de travar as rendas e parar os despejos.

DEBATE

NICARÁGUA: ORTEGA DEIXOU DE SER DE ESQUERDA HÁ MUITO TEMPO

Luís Leiria

TEXTO COMPLETO EM WWW.REDEANTICAPITALISTA.NET

Uma manifestação realizada no centro de Manágua no domingo 23 de setembro de 2018 foi atacada pela polícia e paramilitares armados, que feriram com tiros de armas de fogo várias pessoas, entre as quais um jornalista, e mataram o manifestante Matt Romero. Os protestos pediam a libertação de centenas de presos políticos e a saída do presidente Daniel Ortega.

A repressão foi feroz, à semelhança do que vem ocorrendo desde o dia 18 de abril, quando o anúncio de uma contrarreforma da Segurança Social promovida pelo governo espalhou a indignação e levou às ruas milhares de pessoas exigindo a anulação das medidas. O balanço da rebelião que tomou o país desde então inclui centenas de presos – o governo admite 204 pessoas encarceradas, mas organizações de direitos humanos falam em mais de 300 – e pelo menos 320 mortos.

O veterano sandinista Júlio López Campos, que conheceu Daniel Ortega quando ambos eram dirigentes estudantis, recorda: «Lutávamos então contra um ditador que tinha matado quatro jovens... E esse mesmo Daniel é hoje o responsável pelo assassinato de dezenas de estudantes, e esse mesmo Daniel é agora o ditador... Custa-me a entender».

FÓRUM DE S. PAULO: "GRUPOS DA DIREITA TERRORISTA"

Para uma parte da esquerda latino-americana e mundial, porém, Ortega não é um ditador, é uma vítima das maquinações do imperialismo que arma grupos terroristas. Os 400 representantes de partidos e governos, entre eles Evo Morales, Nicolás Maduro, o governo cubano e partidos como o PT do Brasil, reunidos no XXIV encontro do Fórum de S. Paulo, em Havana, em julho deste ano, rejeitaram «de forma enérgica a política intervencionista dos Estados Unidos nos assuntos internos da Nicarágua sandinista». Segundo a declaração, aprovada por unanimidade, o que se assiste no país centro-americano é a aplicação da mesma fórmula que Washington promove «contra os países que não respondem aos seus interesses hegemónicos, causando violência, destruição e morte mediante a manipulação e a ação desestabilizadora dos grupos terroristas da direita golpista», com o intuito de atacar o processo de transformações sociais impulsionado pela Frente Sandinista.

Em Portugal, o PCP afina pelo mesmo diapasão: «Há denúncias de que os distúrbios públicos fazem parte de um plano dirigido do exterior com o objetivo de desestabilizar o país e provocar o derrube do governo da Frente Sandinista» (Avante, 5/6/2018).

ORTEGA DEIXOU DE SER DE ESQUERDA HÁ MUITÍSSIMO TEMPO

Giovanna Belli, escritora nicaraguense e ex-dirigente da Frente Sandinista, diz-se muito desiludida com o que está a dizer parte da esquerda latino-americana sobre o governo da Nicarágua. «Como se trata de Daniel Ortega, pode-se matar 400 pessoas e não me importa porque é de esquerda?», critica. Para ela, o chefe do governo de Manágua deixou de ser de esquerda há muitíssimo tempo. «Uma vez no poder, aliou-se com os grandes capitais», acusa, numa entrevista ao Tiempo argentino. E enumera a trajetória para a direita do ex-líder da revolução de 1979: «autorizou um roubo que se chamou "La Piñata", quando se distribuíram terras e casas, criou-se uma burguesia sandinista, privatizou-se a energia da ajuda venezuelana e toda a sua família é dona dos meios de comunicação. Fez fraude para dominar a Assembleia Nacional, alterou a Constituição para reeleger-se indefinidamente, pôs a sua mulher na vice-presidência neste país onde tivemos uma dinastia [Somoza], usam uma linguagem horrivelmente religiosa, a esposa de Ortega fala todos os dias e parece a Madre Teresa de Calcutá, aboliram o aborto terapêutico. Definitivamente não pode considerar-se um governo de esquerda».

Sérgio Ramírez, outro histórico sandinista que foi vice de Ortega entre 1985 e 1990, considera que Ortega cometeu um erro de cálculo ao atuar como sempre, isto é, reprimindo qualquer manifestação contra o seu governo. «Qualquer pequena manifestação, e eram pequenas as manifestações aqui, 20-30 pessoas que se punham a protestar, por exemplo, pela fraude nas eleições municipais. As suas tropas paramilitares vinham para espancar as pessoas, para dispersá-las com correntes, com paus, e a polícia sempre que parava ali era só para contemplar o trabalho sujo que faziam essas forças». Para Ramírez, também escritor e vencedor do prémio Cervantes deste ano, «o momento em que foi produzido o primeiro morto é o fim deste regime».

DISCURSO ULTRARRELIGIOSO

Ora, para a vice-presidente Rosario Murillo, os manifestantes são os verdadeiros culpados das centenas de mortos: «(...) o Povo sabe, sabe quem provocou os mortos; sabe-o bem, porque esses mesmos, pelas suas lutas de ambição, pela sua cultura da droga, com a qual pretendem aterrorizar o país, pessoas drogadas, alcoólicas, pessoas ligadas a toda a espécie de crimes e delinquências; o povo nicaraguense sabe que entre eles mesmos provocaram um morticínio para culparem o Governo», afirmou em 20 de julho.

Um dia antes, Daniel Ortega defendeu que os contestatários, a quem chamou de terroristas e putschistas, usam práticas diabólicas e satânicas. [CONTINUA ONLINE]

ERNESTO CARDENAL: DANIEL ORTEGA E A SUA MULHER SÃO OS DONOS ABSOLUTOS DE TODO O PAÍS

O padre Ernesto Cardenal foi militante sandinista e integrou a Junta de Governo Revolucionário como Ministro de Cultura, função que exerceu até 1987. Em 1983, o Papa João Paulo II visitou a Nicarágua e intimou Cardenal, diante das câmaras de televisão, a abandonar o cargo ministerial. Ele, porém, não obedeceu, o que lhe valeu ser suspenso ad divinis pelo Vaticano, que considerou incompatível a sua missão sacerdotal com o seu cargo político. Neste artigo, publicado por Religión Digital em 10 de setembro de 2018, Cardenal denuncia a atual situação da Nicarágua. Reproduzimos a versão publicada no site IHU online, com tradução de Wagner Fernandes de Azevedo.

O mundo deve saber o que passa na Nicarágua. Daniel Ortega e a sua mulher são donos absolutos de todo o país. Daniel não só é dono do Executivo, mas também do Poder Legislativo, Judiciário, Eleitoral, da Polícia, do Exército. É o dono dos meios de comunicação. Tem um silêncio total do Governo e um absoluto segredo de tudo o que fazem. A juventude havia se mantido submissa e atemorizada, mas por fim rebelou-se em todo o país. Com marchas e manifestações de multidões, desarmadas, marchas cívicas e todos gritando «Que o casal Ortega e Murillo saiam do Poder». Estamos nas mãos de uma mulher com um poder sem limite, e um presidente submetido a ela.

Os policiais, militares, parapoliciais e paramilitares estão disparando para matar os manifestantes e já são mais de duzentos os que eles mataram, a sangue frio, e há mais uma grande quantidade de feridos e desaparecidos. É necessário que isso cesse e se intervenha para que não siga sucedendo.

Fraternalmente, Ernesto Cardenal

MANUAIS: UM PASSO PARA A ESCOLA PÚBLICA GRATUITA

RICARDO MOREIRA, RITA GORGULHO E RODRIGO RIVERA

O acordo do Bloco com o PS previu a atribuição de manuais escolares gratuitos aos alunos da capital. Para lá do que foi instituído a nível nacional, em que a gratuitidade foi garantida até ao 6.º ano, em Lisboa, essa gratuitidade estendeu-se até ao 12.º ano e a todos os tipos de ensino: vocacional, artístico e profissional.

A IMPORTÂNCIA DESTA MEDIDA

A maior importância desta medida prende-se com o facto de dotar as escolas com as ferramentas que neste momento entendem ser necessárias para a aprendizagem dos seus alunos - os manuais -, sem sobrecarregar financeiramente as famílias com essa obrigação.

Garante-se assim uma escola mais inclusiva, na qual todos têm acesso às mesmas ferramentas, independentemente de serem ou não abrangidas pela Ação Social Escolar. Com o sistema criado, conseguiu-se ainda mitigar um problema que existia e que se prendia com o facto de grande parte dos alunos apoiados terem de comprar esses manuais e só depois serem reembolsados. Era injusto e, para muitos, incomportável. A escola, em Lisboa, ficou este ano menos desigual.

Este foi um primeiro passo para garantir uma escolaridade realmente gratuita. A opção que fazemos enquanto sociedade de investir na Educação como um pilar de desenvolvimento não pode passar por externalizar os custos nas famílias. A garantia de que queremos investir na formação das novas gerações só existe se a escola for universal. Para ser universal, a Escola tem de ser gratuita.

REUTILIZAR

Em média, serão aproximadamente 200 os euros poupados ao orçamento familiar neste mês tradicionalmente marcado por esta despesa. O Bloco de Esquerda está assim a devolver rendimento às famílias, assegurando o financiamento do atual sistema de manuais através do sistema progressivo de impostos, ao invés de exigir provas de pobreza aos alunos.

Não menos importante é o facto de esta medida ter enormes benefícios ambientais e económicos. A reutilização dos manuais permite uma poupança real de recursos e minimiza o desperdício. No entanto, para a reutilização ser maximizada, é necessário repensar e redesenhar os manuais até ao 4.º ano ou assumir o seu caráter específico e excluí-los desta medida. Não podemos ter manuais em que se pede a alunos para cortar e depois exigir que no final do ano eles sejam devolvidos intactos. A reutilização requer um compromisso sério e este não pode passar pela culpabilização e penalização das famílias pelo uso devido do manual.

E se é verdade que ainda falta fazer um grande caminho para um sistema de aprendizagem que consiga viver sem manuais, esse caminho não podia ser feito sem este primeiro passo, em que os mesmos deixam de ser um peso no orçamento das famílias.

Há quem defenda que os alunos do ensino privado também deviam ser abrangidos por esta medida, mesmo quando há oferta pública no mesmo território. Esta medida abrange os alunos das escolas com contrato de associação, mas apenas estes, já que estes não têm oferta pública disponível e não podem ser penalizados pela ausência do Estado. Cremos que quem gere as escolas privadas é, naturalmente, livre de organizar bancos de livros para os seus alunos, assim como o Estado faz com os seus.

A medida não é perfeita, sabemos disso. É antes a medida que foi possível negociar e não aplicação direta das propostas do Bloco. Mantém-se intacto o negócio das editoras, apesar de menos leonino, devido às políticas de reutilização dos manuais, e mantém-se um sistema de ensino altamente dependente dos manuais. Não é o fim, mas o início daquilo que se pretende que seja a escola inclusiva, gratuita e verdadeiramente universal.

Por isso, é essencial que o Governo aceite o desafio do exemplo da Câmara de Lisboa e estenda a gratuitidade dos manuais escolares a toda a escolaridade obrigatória.

ATIVISMO

ADRIANA LOPERA

GREVE FEMINISTA: A GREVE DA INTERSECIONALIDADE E DA SORORIDADE

Transcendendo o âmbito laboral e produtivo, a Greve Feminista de 8 de março estende-se ao setor estudantil e abrange também os cuidados e o consumo. Porque as mulheres trabalham em muitos lugares, estudam e produzem de muitas formas, por isso a nossa identidade é múltipla e diversa, assim como as nossas opressões. Esta greve é feminista e anticapitalista, reivindicando uma organização política, económica e social cujo objetivo principal seja a satisfação das necessidades das pessoas e a sustentabilidade do planeta.

Para que a greve possa existir, todos os sindicatos serão chamados a este processo. Procuraremos a solidariedade das organizações sindicais, para que esta luta possa contar com o máximo de participação. A convocatória de uma greve de 24 horas ao trabalho remunerado é também uma forma de combater e visibilizar as desigualdades e discriminações que sofremos pelo facto de sermos mulheres. De acordo com os dados mais recentes sobre os quadros de pessoal (2016), os salários médios das mulheres são inferiores aos dos homens em 15,8%, o que significa que a disparidade salarial em Portugal corresponde a uma perda de 58 dias por ano de trabalho remunerado. Isto é, a partir do dia 11 de outubro, as mulheres trabalham de graça. Somos as mais precárias dentro da classe trabalhadora e o assédio é o pão-nosso de cada dia. Por isso acreditamos que os sindicatos se juntarão à greve, porque ela procura chamar a atenção para as mais exploradas de entre os explorados.

A sororidade converte-se assim numa ferramenta fundamental. A aliança feminista permite-nos viver experiências solidárias e positivas a partir de um esforço pessoal e coletivo. Juntas defendemos os direitos conquistados e reivindicamos o fim das desigualdades nos diferentes âmbitos da vida, no contexto laboral, nas escolas, nos cuidados, na sexualidade, na publicidade sexista, etc. Lutamos juntas pelo fim da violência machista, da cultura da violação, das discriminações em função da origem, classe, identidade e orientação sexual. Porque esta greve também tem na sua agenda a defesa dos direitos LGBTQI+, assim como o antirracismo. A greve feminista declara-se em luta contra os centros de internamento de estrangeiros, a imposição das fronteiras como modo de negar solidariedade, as políticas de imigração desumanas da União Europeia, que colocam todas e todos em risco, mas que têm efeitos agravados para as mulheres, que muito frequentemente são objeto de violência sexual, tanto nos acampamentos, como nos países de trânsito.

A GREVE FEMINISTA DE 8 DE MARÇO DE 2019 JÁ ESTÁ EM MARCHA

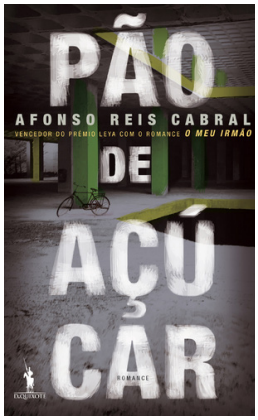
Com o objetivo de construir o caminho coletivo para a Greve, a Rede 8 de Março* está a articular diversas organizações de várias cidades - ANIMAR (Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local), Assembleia Feminista de Lisboa, Bloco de Esquerda, A Coletiva, Coletivo Rosa, Espaço Associativo MOB, Espaço Cultural Com Calma, ILGA, Krizo (Educação, Arte e Cidadania), Precári@s Inflexíveis, Sindicato dos Call Centers, Cesminho -Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços do Minho, Sindicato de Estudantes, UMAR, Festival Feminista do Porto, entre tantas outras associações, coletivos e sindicatos que se estão a juntar neste processo crescente de adesões. Até à Greve, todos os dias 8 de cada mês a Rede 8 de Março reunirá, juntando mais coletivos e ativistas. No dia 8 de outubro, a Rede 8 de Março reunirá, às 19 horas, na sede da UMAR, em Lisboa. Novos coletivos já confirmaram presença, como a INMUNE (Instituto da Mulher Negra), as Panteras Rosa e as Mulheres na Arquitectura. No Porto, às 21 horas, também haverá reunião no Porto, no Mira Forum. Duas reuniões nacionais também já foram marcadas: a 8 de dezembro estaremos juntas no Porto e a 8 de fevereiro estaremos em Coimbra.

Para participar na construção da Greve Feminista basta isso, ser feminista!

A COLETIVA, FEMINISMO ANTICAPITALISTA NO PORTO

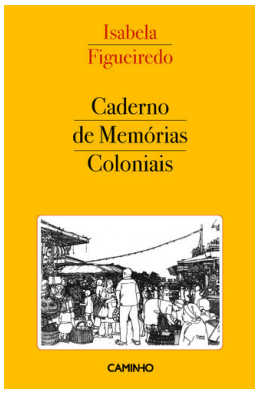
Formou-se em dezembro de 2016, com o objetivo de juntar ativistas feministas para responder ao apelo internacional Women's March, de 21 de janeiro de 2017, a resposta da rua ao então recém-empossado Donald Trump, iniciativa escolhida para encerrar a campanha contra o assédio sexual em espaço público – Se não me conheces não me chames querida –, que teve expressão em seis cidades do país. Rede ativista que organiza e solidariamente co-organiza intervenção feminista, espaço de debate e de construção do feminismo intersecional e anticapitalista. Foi um dos coletivos que convocou as manifestações Mexeu com uma, mexeu com todas (25-05-17), que denunciava a cultura da violação, Machismo não é justiça, é crime (27-10-17), que punha a nu a misoginia e o conservadorismo de um acórdão do Tribunal da Relação do Porto, entre tantas outras iniciativas. Atualmente, faz parte da Rede 8 de Março, estando, por isso, empenhada na construção da Greve Feminista de 8 de Março de 2019. **https://facebook.com/acoletiva/**

LEITURAS



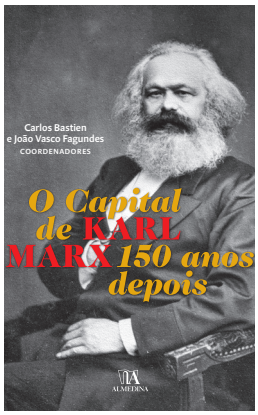
PÃO DE AÇÚCAR
Afonso Reis Cabral
264 páginas, 2018, Dom Quixote - PVP: 15.50 Euros

Em Pão de Açúcar, Afonso Reis Cabral ficcionaliza a história do assassinato de Gisberta às mãos de 14 menores, em 2006. O romance está escrito na primeira pessoa, assumindo o papel de um dos assassinos (no romance, são 6 ao invés de 14).
A forma como o autor estruturou a acção do romance permite-lhe uma certa vertigem, e isto apesar de o fim já ser conhecido desde a primeira página. Com uma prosa enxuta, não há tendência para se contemplar o olhar demorado, antes para se saber onde é que cada olhar encaixa. Assumindo a primeira pessoa, o autor não desculpabilizou o assassinato, antes criou uma formulação literária que, para além da violência, lhe permitiu explorar as indecisões, as incongruências, os abismos, a vergonha, a inveja, o ciúme, a carapaça dura que a falta de amor cria, a masculinidade que chega a roubar infâncias. ABP



CADERNO DE MEMÓRIAS COLONIAIS
Isabela Figueiredo
224 páginas, 2015, Caminho - PVP: 10.90 Euros

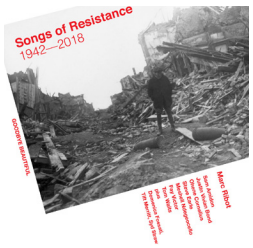
Este livro de 2009 descreve eventos do colonialismo português em Moçambique. Pegando na ideia lusitana da sua própria mansidão, explora o mito interiorizado pelos próprios colonizadores, que persiste até hoje na percepção social e na forma como Portugal quer perpetuar a sua própria história (por exemplo, através de manuais escolares, estátuas e museus), ocultando dos "Descobrimentos" o que foi roubo, pilhagem, escratura, entendendo-se o país apenas enquanto heróico. Assim, esta obra de Isabela Figueiredo impulsiona um debate sobre a instrumentalização da superioridade racial e civilizacional portuguesa para criar acção impune, prevendo as competências interpretativas dos leitores. ABP



O CAPITAL DE KARL MARX 150 ANOS DEPOIS
Carlos Bastien e João Vasco Fagundes (coords.)
390 páginas, 2018, Almedina - PVP: 19.90 Euros

Evocando a publicação de O Capital (1867, primeiro volume, o único publicado em vida do autor), Bastien e Fagundes juntaram vários autores para discutirem diversos aspetos da preparação da obra. Andrea Peniche apresenta a evolução do debate sobre patriarcado e capitalismo em Engels e Marx; Carlos Bastien e José Paulo Netto estudam o impacto do escrito em Portugal e no Brasil; Michael Heinrich discute a informação que passou a estar disponível com a edição moderna das obras completas, acerca das fases e diversos projetos na preparação do livro. Outros autores - Ricardo Antunes, Virgínia Fontes, Manuel Castelo Branco, Avelãs Nunes, Periklis Pavlidis, por exemplo - discutem conceitos, teorias e interpretações do livro que se tornou uma referência para o pensamento crítico. FL

ESCUTAS



SONGS OF RESISTANCE 1942-2018
Marc Ribot, 2018 | Anti-, ± 12.50 Euros

Em boa hora o guitarrista Marc Ribot chegou à conclusão de que nos faltavam canções de protesto que fossem o espelho das nossas raízes e das batalhas que travamos. Essa é a razão por que este projeto começou precisamente a ganhar forma em 2011, durante as manifestações do movimento Occupy Wall Street. O resultado é um magnífico conjunto de onze canções, entre recriações e criações, inspiradas ora na resistência antifascista italiana, no movimento pelos direitos civis dos EUA e nas baladas de protesto mexicanas, ora no momento político atual. Uma das faixas mais emblemáticas é aquela em que Tom Waits empresta ao tema Bella Ciao. O vídeo desta música, realizado por Jem Cohen, é um claro manifesto político, apresentando várias cenas de protestos contra as políticas racistas e anti-imigração da administração Trump.
Em escuta aqui: marcribot.bandcamp.com/album/songs-of-resistance-1942-2018 AP

ACONTECE

Frida Kahlo – As Suas Fotografias
241 fotografias do acervo pessoal de Frida Kahlo, que nos revelam a intimidade da artista e nos transportam para o seu universo criativo.
Porto
CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA
LG. AMOR DE PERDIÇÃO
(CADEIA DA RELAÇÃO) 10-18 HORAS

Robert Mapplethorpe: Pictures
Robert Mapplethorpe (Nova Iorque, 1946–1989, Boston) um dos fotógrafos que marcou a imagem contemporânea, sem contemplações e, portanto, tão polémico que provocou a demissão do diretor artístico de Serralves, devido às restrições impostas ao visionamento das fotos.
Porto
MUSEU DE SERRALVES
10-18 HORAS (SEGUNDA A SEXTA-FEIRA)
10-19 HORAS (SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS)

Foto: José Miguel Reis

CONTACTOS

Email **redeanticapitalista@gmail.com**
facebook.com/**redeanticapitalista**

www.redeanticapitalista.net